

VAI TER COPA NO BRASIL

Arlei Sander Damo

Doutor em Antropologia Social
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS

Por uma série de razões, o Brasil seria sede de uma Copa do mundo de futebol mais dia, menos dia. Lula tem sido criticado pela adesão ao projeto da FIFA, mas qualquer outro chefe de Estado que estivesse em seu lugar, naquelas circunstâncias, provavelmente teria feito o mesmo. Por parte da FIFA, havia o desejo de realizar o torneio no continente sul-americano e por razões econômicas, políticas e futebolísticas o Brasil era o país preferido. Nossa economia expandia-se vigorosamente e a crise de 2008 não estava no horizonte – a oficialização da escolha foi em novembro de 2007, mas Lula e Blatter haviam batido o martelo, pelo menos, um ano antes. A diplomacia esforçava-se para tornar o país influente na política internacional. A população era amplamente favorável, como revelaram pesquisas de opinião da época. Relatórios feitos por consultorias prestigiadas no mercado faziam previsões alvissareiras e a grande mídia as divulgava como se fossem confiáveis – uma dessas consultoras, muito bem reputada pelo mercado, chegou a prever, só com os megaeventos, a geração anual de empregos equivalente ao total do que foi efetivamente gerado nos anos de 2011 e 2012 juntos! Como poderia um presidente com pretensões eleitorais recusar a oportunidade oferecida pela FIFA em tais circunstâncias?

Não é novidade que Lula, além de gostar de futebol, é um otimista contumaz, do contrário não teria chegado à presidência. Mas nesse caso, ele foi um pouco longe demais, acreditando no discurso envernizado da FIFA - articulado no tripé: oportunidade, investimento e legado – e numa convergência improvável de iniciativas a fim de preparar o Brasil para uma disputa futebolística em padrões europeus. Para que a Copa se tornasse um sucesso teria sido necessário que a gestão pública – federal, estadual e municipal – fosse articulada e eficiente, tanto na elaboração de projetos quanto no licenciamento, contratação e fiscalização das obras; que a iniciativa privada estivesse disposta a correr riscos, investindo por conta própria ou em parceria com o governo; que os dirigentes de futebol fossem probos e tomassem a iniciativa de organizar o evento, como ocorre em quase todos os países onde se realizam megaeventos; que a imprensa dita burguesa se comportasse em relação à malversação de recursos públicos e obras mal projetadas ou mal executadas como se comporta quando seus parceiros estão no poder – o que não é bem o caso; que o Ministério Público, o Tribunal de Contas da União e outras agências de

fiscalização deixassem de realizar o elementar que se espera delas; que no Congresso Nacional não houvesse oposição; que todos os movimentos sociais fossem acomodados nos ministérios. Enfim, que o Brasil fosse muito diferente do que é.

Em que pese a campanha “não vai ter Copa”, patrocinada por alguns movimentos sociais e coletivos mais arrojados – liderados, basicamente, por anarquistas e por quadros ligados ao PSOL e ao PSTU –, a competição vai se realizar, mas com muitas nuances em relação à festa que a FIFA e seus parceiros comerciais imaginaram. Mesmo que ao longo da competição haja uma mudança radical de atitude, não teremos uma multidão nas ruas dançando abraçada à mascote oficial do evento. A pouco tempo do início dos jogos, não há entusiasmo nas ruas e nas manchetes dos jornais predominam notícias ruins, apesar da mobilização governamental para reverter o quadro. Poucas vitrines exibem a decoração alusiva à Copa e as crianças ainda não estão fantasiadas a caráter, como de costume. A convocação do time que vai representar o Brasil ocorreu no final de maio, sem lobby, contestação ou polêmica, muito diferente do habitual.

Parece que a Copa vai ser em Plutão e o anticlímax se deve, em grande medida, aos protestos que ocorreram em junho de 2013, cujo ápice coincidiu com a Copa das Confederações, evento teste para a competição principal. Na ocasião, protestou-se contra tudo e contra todos, inclusive contra a Copa. “Copa para quem?” foi um slogan bem pensado, que colocou em cheque os interesses da FIFA e a pertinência dos gastos governamentais. O dinheiro disponibilizado para a construção e reforma dos estádios é menos do que 10% do orçamento anual do Ministério da Saúde ou da Educação e terá de ser devolvido ao BNDES nos próximos anos – por empreiteiras ou por governos estaduais. Desta perspectiva, o aporte de recursos públicos não soa tão disparatado – ou não mais do que o usual, pois o BNDES, uma agência pública, empresta altas quantias a grandes empresas privadas. O que deixou a população indignada foi antes uma questão de economia moral, muito bem performatizada em cartazes carregados pelos manifestantes, que exigiam o “padrão FIFA” para escolas e hospitais.

A propósito, o que se passa com a Copa lembra, em muitos aspectos, a comemoração dos “500 anos do ‘descobrimento’”. Naquela ocasião, o governo programou uma festa, esquecendo-se que a ocupação europeia poderia ter outro significado. Foi um desrespeito absurdo com os povos tradicionais e a festa não poderia senão ter terminado de forma melancólica, com uma comemoração oficial envergonhada e uma manifestação incisiva dos movimentos sociais que se solidarizaram às causas indígenas e quilombolas. Pouco mais de uma década depois desse triste episódio, repetem-se alguns equívocos. Por mais grandioso que seja um evento como a Copa, seu impacto é incomparável à conquista e à dominação europeia iniciada há 500 anos. Mas é muito impopular usar recursos públicos para atender às demandas da FIFA, não só porque esses recursos fazem falta em outras áreas tidas como essenciais pela população, mas também porque as novas arenas não serão acessíveis à população durante a Copa. Menos de 1% dos brasileiros, a maior parte de classe média e alta, verão os jogos nas caríssimas e requintadas arenas. Os outros 99% assistirão pela TV, como sempre o fizeram. O time que representa o Brasil nas copas tornou-se um símbolo laico da nação, entre outros motivos, porque constituído, invariavelmente, por diferentes perfis de classe e de etnia, espelhando uma ideia de nação idealizada. As novas arenas vão exibir um perfil de público elitizado, que escancara um projeto de nação excludente e concretamente realizado.

Os protestos de 2013 tiveram múltiplas pautas e agentes, por isso é difícil produzir uma síntese sobre eles. Qualquer tentativa nesse sentido passa pela constatação de que tiveram ao menos duas fases, embora isso não tenha ocorrido em todas as cidades. Na primeira fase, tinham como pauta principal a mobilidade urbana e se articularam a partir do calendário anual de aumento das passagens. Saíram às ruas, basicamente, estudantes veiculados a partidos de esquerda (com destaque para PSOL e PSTU) e coletivos de diferentes matizes que sequer se reivindicam como movimentos sociais.

De início, os gastos com a organização da Copa no Brasil não tinham maior destaque nos protestos. Mas em São Paulo e no Rio, houve uma protelação no aumento das passagens, de março para junho, e a mobilização contra o reajuste entrou no calendário da Copa das Confederações. O que era para ser um evento festivo, apenas, acabou incorporando elementos

contestatórios. E o que era para ser uma manifestação política, transformou-se em boa medida numa festa, potencializando as reivindicações. Milhares de pessoas saíram às ruas para protestar, muitas delas elegendo uma causa entre muitas que estavam à disposição – transporte público, saúde, educação, corrupção, direitos sexuais e assim por diante.

As ideias anarquistas, renovadas pelo Occupy Wall Street (*on line/off line*) e pelos *whistleblowers* (*on line*), exerceram grande influência desde a primeira fase das manifestações, ficando nítida a rejeição às formas hierarquizadas de organização, razão pela qual não houve unificação de pautas e nem a constituição de lideranças para representar as ruas. Os manifestantes adquiriram notoriedade com suas performances, confundiram a polícia com suas andanças irrequietas e fundiram a cuca de muitos intelectuais de plantão que tentaram interpretá-los no registro do convencional.

No ápice das manifestações, os grupos mais à esquerda, responsáveis por levar o descontentamento às ruas, perderam o controle sobre elas. No meio da multidão sobressaiu a performance *black bloc*, mas também se juntara a ela jovens cujos pais ou avós haviam participado da Marcha da Família, em 1964. Em certa medida, todos estavam ansiosos por sair do Facebook – o pessoal que é contra as ações afirmativas, a expansão do ensino público e o Programa Bolsa Família estava um pouco mais, tenho a impressão. Foi uma manifestação intensa enquanto durou, e repleta de paradoxos. Uma parte desses jovens se define como *ativistas* e tentam reinventar utopias na perspectiva de construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Outros querem ser *protagonistas*, fazer a diferença, enfim, deixar uma marca e se dar bem. Ambos defendem a horizontalidade, mas os protagonistas não o fazem por influência anarquista – não leem Proudhon ou Bakunin; nem admiram Julian Assange. Esse pessoal é descolado, porque isso é bacana; são contra o chefe, praticam *coworking* e cultuam Steven Jobs e outros ícones do capitalismo contemporâneo. Sob certo aspecto, são o extremo oposto dos que fazem *black bloc*, mas nas Jornadas de Junho eles marcharam juntos (ou misturados), fazendo crer aos incautos que ativismo e protagonismo fossem sinônimos.

O êxtase de tais jornadas pareceu algo efetivamente ritual, que cessou em pouco mais de uma semana. A performance *black bloc*, que em julho de 2013

deu o tempero apimentado às manifestações, também foi responsável por afugentar muitos manifestantes das ruas. Independente dos resultados práticos das Jornadas de Junho, ficou a indicação de que existem novos movimentos, atores e estratégias compondo a cena política. E o que poucos perceberam, há um país em franco processo de transformação, com velhas e novas contradições sendo afloradas.

A impressão que vem das ruas, às vésperas do início da Copa no Brasil, é que os brasileiros gostariam de estar se preparando para a Copa do Catar, que ocorre em 2018. Quase todos estão mais ou menos fartos de notícias sobre obras em atraso, gastos públicos injustificados, trânsito caótico em função de obras ou de protestos – alguns deles reunindo não mais do que duas dezenas de ativistas. Ninguém mais tem paciência para ouvir falar em legado, tampouco em legado intangível, embora o governo federal tenha retomado esta cantilena que a própria FIFA e o COI inventaram, mas que está fadada à obsolescência e terá de ser substituída por outra estratégia de marketing – fazer a Copa no Catar e na Rússia não deixa de ser uma alternativa, pois lá não haverá, ao que tudo indica, pessoas nas ruas com cartazes “FIFA go home”.

Sendo a Copa realizada no Brasil e envolvendo diversas instâncias governamentais, seu sucesso pode influenciar nas eleições. Não será como das outras vezes, em que o time da CBF – um símbolo laico da nação – dramatizava certos dilemas metafísicos da brasilidade, e assim que a Copa era dada por encerrada iniciava-se a discussão política, uma vez que em ano de Copa também temos eleições. Nesta ocasião os dois eventos estão emaranhados. Talvez a performance do time de Felipão não exerça grandes influências, mas a organização do evento pode render alguns pontos percentuais a favor ou contra o governo. A realização da Copa já faz parte da agenda política há pelo menos duas eleições – Lula anunciou o acordo verbal com Blatter às vésperas do primeiro turno da eleição presidencial de 2006. Não há nenhum problema nisso; é antes um bom indício de que, apesar de tudo, vivemos numa democracia. Por conta disso, parece-me mais simpático o slogan “Copa para quem?”, que mobilizou os brasileiros para pensar no uso dos bens públicos, do que “Não vai ter Copa!”, escolhido para este ano, pois este último sugere um enfrentamento em momento delicado. A esta altura, os ativistas podem,

indiretamente, semear, durante a Copa, a colheita dos protagonistas nas eleições de outubro.

Arlei Sander Damo

Doutor em Antropologia Social
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS

[Currículo Lattes](#)